

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

EISHILA ALVES MONTEIRO

**A ATUAÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL COM PESSOAS QUE VIVEM
COM HIV/AIDS**

RECIFE, 2024

EISHILA ALVES MONTEIRO

**A ATUAÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL COM PESSOAS QUE VIVEM
COM HIV/AIDS**

Artigo científico elaborado segundo as normas da Revista RevisbraTO, como exigência final para obtenção do grau de Terapeuta Ocupacional, pelo Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ilka Veras Falcão

RECIFE, 2024.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. MÉTODOS	8
3. RESULTADOS	9
4. DISCUSSÃO	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	23

A ATUAÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL COM PESSOAS QUE VIVEM COM HIV/AIDS

The action of the occupational therapist with people living with HIV/AIDS

La actuación del terapeuta ocupacional con las personas que viven con HIV/AIDS

Eishila Alves Monteiro (eishila.monteiro@ufpe.br), Concluinte do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco – Recife/Pernambuco, Brasil.

Ilka Veras Falcão (ilka.falcao@ufpe.br). Doutora em Ciências da Saúde, Professora Associada do Dept^o de Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Pernambuco – Recife/Pernambuco, Brasil.

Contribuição das Autoras: A autora principal é responsável pela concepção, coleta e análise dos dados, redação do texto e organização de fontes. A segunda autora é responsável pela orientação em todas as etapas, análise dos dados e revisão do texto até a versão final do artigo.

Resumo: As pessoas infectadas pelo vírus HIV apresentam prejuízos à funcionalidade, com impactos negativos no desempenho ocupacional e cotidiano. O objetivo deste estudo foi descrever a atuação do terapeuta ocupacional com pessoas que vivem com HIV/AIDS. Foi realizada uma revisão narrativa, com busca nas bases BVS, LILACS e nas Revistas de Terapia Ocupacional, brasileiras e Latino-americanas. Como resultados foram incluídos 13 artigos, com maior representatividade de publicações no Brasil, entre 2003/2018, e atuação da Terapia Ocupacional com adultos hospitalizados. O HIV/AIDS provoca dificuldades físicas, cognitivas, emocionais, neurológicas e psicossociais trazendo prejuízos ao desempenho ocupacional e realização do autocuidado, lazer, convívio social, desempenho escolar ou laboral. A Terapia Ocupacional visa reestabelecer melhores condições para realização de AVD, cuidados com a saúde e enfrentamento dos problemas sociais. Concluiu-se que o HIV/AIDS afasta as pessoas de seus papéis ocupacionais. A atuação do terapeuta ocupacional explora variadas estratégias com arte, dança e outras

atividades expressivas, em grupos, oficinas e atendimento de reabilitação ambulatorial ou hospitalar. O profissional busca, de acordo com as necessidades da clientela e do contexto, refletir e empoderar as pessoas com HIV/AIDS para reconhecimento dos seus direitos, enfrentamento as discriminações, oferta de suporte emocional, retorno a dinâmica social e desempenho das atividades cotidianas. A atuação dos terapeutas ocupacionais também apoia familiares, escola e comunidade para melhor convívio e respeito a essas pessoas. Em sua intervenção a Terapia Ocupacional procura restabelecer a qualidade de vida não apenas para quem vive com o HIV/AIDS, mas para quem convive com essas pessoas.

Palavras-chaves: HIV. AIDS. Terapia Ocupacional. Desempenho ocupacional.

Abstract: People infected with the HIV virus have impaired functionality, with negative impacts on occupational and daily performance. The objective of this study was to describe the work of occupational therapists with people living with HIV/AIDS. A narrative review was carried out, searching the VHL, LILACS and Brazilian and Latin American Occupational Therapy Journals. As results, 13 articles were included, with the greatest representation of publications in Brazil, between 2003/2018, and Occupational Therapy activities with hospitalized adults. HIV/AIDS causes physical, cognitive, emotional, neurological and psychosocial difficulties, causing harm to occupational performance and self-care, leisure, social life, school or work performance. Occupational Therapy aims to reestablish better conditions for carrying out ADL, health care and coping with social problems. It was concluded that HIV/AIDS takes people away from their occupational roles. The occupational therapist's work explores various strategies with art, dance and other expressive activities, in groups, workshops and outpatient or hospital rehabilitation care. The professional seeks, according to the needs of the clientele and the context, to reflect and empower people with HIV/AIDS to recognize their rights, confront discrimination, offer emotional support, return to social dynamics and perform daily activities. The work of occupational therapists also supports families, schools and the community to improve coexistence and respect for these people. In its intervention, Occupational Therapy seeks to restore the quality of life not only for those living with HIV/AIDS, but for those who live with these people.

Keywords: VIH. SIDA. Ocupacional Teraphy. Ocupacional performance.

Resumen: Resumen: Las personas infectadas con el virus VIH tienen una funcionalidad deteriorada, con impactos negativos en el desempeño ocupacional y diario. El objetivo de este estudio fue describir el trabajo de los terapeutas ocupacionales con personas que viven con VIH/SIDA. Se realizó una revisión narrativa, buscando en la BVS, LILACS y Revistas de Terapia Ocupacional brasileñas y latinoamericanas. Como resultados, se incluyeron 13 artículos, con la mayor representación de publicaciones en Brasil, entre

2003/2018, y actividades de Terapia Ocupacional con adultos hospitalizados. El VIH/SIDA causa dificultades físicas, cognitivas, emocionales, neurológicas y psicosociales, perjudicando el desempeño ocupacional y el autocuidado, el ocio, la vida social, el desempeño escolar o laboral. La Terapia Ocupacional tiene como objetivo restablecer mejores condiciones para la realización de AVD, el cuidado de la salud y el afrontamiento de los problemas sociales. Se concluyó que el VIH/SIDA aleja a las personas de sus roles ocupacionales. El trabajo del terapeuta ocupacional explora diversas estrategias con el arte, la danza y otras actividades expresivas, en grupos, talleres y atención de rehabilitación ambulatoria u hospitalaria. El profesional busca, según las necesidades de la clientela y el contexto, reflexionar y empoderar a las personas con VIH/SIDA para reconocer sus derechos, enfrentar la discriminación, ofrecer apoyo emocional, reincorporarse a las dinámicas sociales y realizar las actividades cotidianas. La labor de los terapeutas ocupacionales también apoya a las familias, las escuelas y la comunidad para mejorar la convivencia y el respeto hacia estas personas. En su intervención, la Terapia Ocupacional busca restaurar la calidad de vida no sólo de quienes viven con VIH/SIDA, sino de quienes conviven con estas personas.

Palabras-claves: VIH. SIDA. Desempeño ocupacional.

1. INTRODUÇÃO

Muitas são as doenças transmissíveis, importantes para o monitoramento e atuação dos órgãos de saúde pública. Por isso, investigam-se os casos para identificação da cadeia de vetores, transmissores, contatos e comunicantes, para que sejam adotadas as medidas de controle cabíveis. O alcance das doenças transmissíveis na população ocorre de formas variadas e dependem do agente, tipo de transmissão, das condições de vida, educação e renda, causando morbidade e mortalidade diferenciadas (Souza et al, 2020).

No Brasil a Lista Nacional de Notificação Compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública, atualizada em 2023, apresenta 53 condições que devem ser obrigatoriamente comunicadas às instâncias de saúde municipal, estadual ou federal visando às ações de vigilância cabíveis (Brasil, 2023). Entre as doenças infectocontagiosas as de maior incidência são malária, dengue, hepatites virais, acidente por animais peçonhentos, leishmaniose, tuberculose, hanseníase, HIV/AIDS e outras infecções sexualmente transmissíveis (IST) (Souza et al, 2020; Cerroni; Carmo, 2015).

O interesse deste estudo é voltado para uma das IST, a infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) que pode causar a Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida (AIDS) - HIV/AIDS. Por sua magnitude, presença mundial e pelos impactos que causa na vida das pessoas, a infecção pelo HIV/AIDS mobiliza ações de cuidado e diretrizes para o seu controle, envolvendo equipes multiprofissionais (Domingues et al, 2021; Brasil, 2017). O terapeuta ocupacional pode integrar a equipe de saúde que atende a pessoas com HIV/AIDS no sentido de contribuir com a compreensão dessa condição de saúde e mais ainda de sua participação e relações sociais (Leite et al, 2013).

O Brasil foi apontado como referência mundial no tratamento às pessoas com HIV/AIDS pelo motivo de conseguir proporcionar acesso populacional ao TARV, e demais cuidados a saúde requerido por esse indivíduos (Foresto et al, 2017).

O vírus do HIV foi descoberto no início dos anos 80, principalmente em grupos de homossexuais, pessoas que realizaram transfusão de sangue e as que compartilhavam drogas injetáveis. Esse perfil, somado a alta mortalidade e desconhecimento, ajudou a criar um forte estigma para a doença e os doentes (Aguiar, et al, 2022; Macedo; Gomes, 2020).

Para as pessoas soropositivas, o grande enfrentamento vem sendo a busca pelo reconhecimento e garantias do direito a uma vida digna, livre de preconceitos, intolerância e desigualdade. Esta luta tem por objetivo proporcionar a participação por meio do engajamento nas atividades cotidianas em sua jornada de vida, possibilitando ao sujeito expressar-se, vivenciar maneiras de ser, estar e conviver socialmente (Nascimento; Takeiti, 2018; Cunha; Gontijo, 2013; Leite et al, 2013).

No Brasil a epidemia pelo HIV/AIDS é considerada como controlada, apesar das populações-chaves serem motivo de acompanhamento pelos órgãos de saúde e vigilância epidemiológica devido a ocorrência de novos casos, entre essas estão os gays, profissionais do sexo, travestis e usuários de drogas, a população entre 15 à 24 anos, que apresentam um aumento considerável de infecção e tem preocupado os responsáveis pelo controle da doença (Macedo Junior, Gomes, 2020).

No entanto, o perfil de pessoas com HIV/AIDS mostra que todos estão vulneráveis a contrair a enfermidade, independente do gênero. A epidemia de HIV/AIDS, com o passar

do tempo, vem sofrendo modificações e o padrão de vulnerabilidade ao vírus ressalta os fenômenos da feminização, heterossexualização, pauperização e envelhecimento das pessoas atingidas (Aguiar et al, 2022; Gomes, et al, 2019).

Atualmente, estar infectado pelo HIV não é mais uma sentença de morte – as pessoas vivem com HIV/AIDS. Embora persistam problemas como o diagnóstico tardio, irregularidade na adesão ao tratamento, discriminação com as pessoas soropositivas, a mortalidade vem declinando (Macedo; Gomes, 2019). A infecção pelo HIV é capaz de causar complicações como alterações nos índices hematológicos, alterações de humor e do estado nutricional, interferência na rotina laboral, entre outras, causando incapacitação e piora na qualidade de vida (Hipolito et al, 2017). Outra consequência da infecção do HIV, especialmente se não há adesão ao tratamento medicamentoso, é o risco das doenças oportunistas e agravamento do quadro de saúde, que pode levar a AIDS, hospitalização e morte (Antunes; Morais, 2019; Romeu et al, 2012)

Além disso, as pessoas que vivem com HIV/AIDS tem outras dificuldades, porque parte dessas estão associadas à pobreza, a condições de vida e socioeconômicas precárias. Viver com HIV/AIDS tem uma dimensão social, traz uma carga maior de vulnerabilidade, pelo estigma, dúvida e preconceitos com a doença, impactando a vida social das pessoas de diferentes formas (Aguiar, et al, 2022; Foncesca, et al, 2020).

De acordo com Durães (2011) citado por Fonseca e colaboradores (2020)

“A estigmatização causa alguns danos mentais e sociais negativos na vida de quem a sofre, na medida em que para o estigmatizado as relações sociais tem papel determinante em sua vida (p.4).”

Nesse sentido, o cuidado às pessoas vivendo com HIV/AIDS precisa considerar as condições de vida, funcionalidade e participação, sendo essa a área de atuação da Terapia Ocupacional. Essa é uma profissão da área da saúde que auxilia as pessoas a desenvolverem as atividades significativas no cotidiano, ainda que apresentem deficiências e limitações para isso. O terapeuta ocupacional compreende que a participação, envolvimento com as ocupações e as relações sociais são importantes para o bem-estar, saúde e identidade do indivíduo (AOTA, 2021).

Viver com HIV/AIDS além de possíveis dificuldades próprias da doença, como as físicas, cognitivas, emocionais, psicológicas e sociais, pode trazer queixas quanto à participação nas atividades de vida diária e o desempenho de outros papéis, resultando prejudicialmente na interação entre a pessoa ambiente e a ocupação (Cunha; Gontijo, 2013). Diante disso, o objetivo deste estudo é descrever a atuação do terapeuta ocupacional de forma ampliada com pessoas que vivem com HIV/AIDS.

2. MÉTODOS

Este estudo utilizou a abordagem de revisão narrativa ou tradicional. Tal técnica conduziu uma investigação científica com objetivo de reunir, avaliar criticamente e conduzir uma síntese dos resultados de múltiplos estudos primários. A revisão narrativa foi uma mistura de métodos de revisões por integrar variados tipos de estudo que apresentem uma temática aberta, não exigindo um protocolo rígido para sua confecção (Cordeiro, 2007; Grant; Booth, 2009). Foi realizada pesquisa nas bases de dados de literatura científica, sendo essas: BVS e LILACS. Também foi feita uma busca específica nas Revistas Brasileiras e Latino-americanas de Terapia Ocupacional, no período de setembro à novembro.

Fizeram parte do estudo as publicações que abordem a temática escolhida e que se encaixaram nos seguintes critérios de inclusão:

- Artigos, livros e capítulos, trabalhos completos em anais de eventos que trataram da atuação do terapeuta ocupacional com pessoas com HIV/AIDS;
- Publicações em português e espanhol com texto completo;
- Sem delimitação temporal.

Foram excluídas as publicações que cumprissem os seguintes critérios: repetidas; com acesso pago; com abordagem apenas clínica e de tratamento medicamentoso. Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes descritores e termos livres, combinados com Terapia Ocupacional ou terapeuta ocupacional:

- HIV/AIDS
- Pessoas vivendo com HIV/AIDS
- Síndrome da imunodeficiência adquirida
- Estigma / Preconceito em HIV/AIDS

Inicialmente foi feito um mapeamento das referências bibliográficas sobre o tema por base pesquisada, aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, seleção dos materiais com leitura de título, resumos e posteriormente leitura completa. Tais levantamentos foram feitos utilizando um editor de texto Google Docs, agrupando o conteúdo em blocos, conforme os objetivos e relações com a atuação da Terapia Ocupacional e objetivo do estudo. A redação foi finalizada com a síntese da análise dos principais pontos destacados nas publicações, para caracterizar as possibilidades presentes na literatura (Mendes, et al, 2008).

3. RESULTADOS

Foram localizadas para o estudo 159 publicações (Tabela 1), sendo 139 nas bases de dados e 20 localizados na busca direta em revistas de Terapia Ocupacional. Do total das publicações, 13 foram incluídas, sendo seis publicadas em revistas próprias da Terapia Ocupacional no Brasil; três em revistas de Terapia Ocupacional de outros países da América Latina e quatro em revistas brasileiras em outras áreas. Os artigos incluídos no estudo são das duas décadas anteriores, sendo o mais antigo de 2003 e o mais recente de 2018. Quanto ao idioma, nove foram publicados em português e quatro em espanhol, mostrando predominância, no período, de publicações no Brasil e em língua portuguesa.

Tabela 1: Resultados da pesquisa em bases de dados, aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. Recife/PE, junho a agosto/2023.

Ações	BVS e LILACS	Revistas de Terapia Ocupacional
Publicações localizadas	139	20
	↓	↓
Excluídas após leitura de títulos e resumos e os duplicados	123	15
	↓	↓
Selecionadas para leitura completa	16	5
	↓	↓
Excluídas por não corresponder ao objetivo do estudo	6	2
	↓	↓
Selecionadas para o estudo	10	3

	↓	↓
13 publicações incluídas para extração de dados e análise		

As publicações incluídas estão apresentadas no quadro 1, numeradas para sua identificação em outras seções do estudo. O quadro 1 destaca autor/ano, título, população do estudo, base de literatura, idioma e revista, e por fim o local/serviço onde foi realizado.

Quadro 1: Publicações selecionadas que compuseram a amostra de pesquisa com dados gerais de caracterização. Recife, junho a agosto/2023.

Número (id) Autor/ano	Título	Público	Base, Idioma, Revista	Local / Serviço
1. Nascimento & Takeiti, 2018.	Direitos da pessoa com HIV/AIDS e a Terapia Ocupacional.	Adultos (homens)	Busca direta / Português REVISBRATO - Brasil	Base de dados de literatura SCIELO, PUBMED e BVS
2. Robayo et al, 2017.	Características del desempeño ocupacional en un grupo de adultos que viven con VIH-SIDA.	Adultos Programa ambulatorial	Busca direta / Espanhol Cadernos Brasileiros de Ter. Ocup.- Brasil	Bogotá, Colômbia.
3. Leiva et al, 2015.	Impacto que genera el diagnostico VIH en mujeres trabajadoras de la region de antofagasta y metropolitana.	Mulheres de Cooperativa de trabajadoras	BVS / Espanhol Rev. Chil. Ter. Ocup - Chile	Antofagasta e região metropolitana, Chile.
4. Gil & De Carlo, 2014.	Os papeis ocupacionais de pessoas hospitalizadas em decorrência da síndrome da imunodeficiência adquirida.	Adultos hospitalizados	BVS / Português Revista Mundo da Saúde - Brasil	Ribeiro Preto - São Paulo

5. Teixeira, 2014.	Percepção da competência ocupacional e comportamentos sexuais de risco em toxicodependentes.	Adultos hospitalizados	BVS / Português Cad. Ter. Ocup. UFSCar – Brasil	Portugal
6. Cunha & Gontijo, 2013.	Queixas relacionadas ao desempenho ocupacional de adolescentes que vivem com HIV: subsídios para ação da TO.	Adolescentes Atendimento ambulatorial	BVS / Português Rev Ter Ocup Univ São Paulo - Brasil	Interior de Minas Gerais (cidade não especificada).
7. Leite et al, 2013	Enveredando pelos caminhos da arte: a Terapia Ocupacional na produção da saúde de sujeitos infectados pelo HIV	Mulheres Atendimento ambulatorial	BVS / Português Rev. NUFEN [online] – Brasil	Belém, Pará.
8. Pereira et al, 2011.	Habilidades funcionais da criança com síndrome da imunodeficiência adquirida.	Criança Atendimento ambulatorial	BVS / Português Rev.Acta fisiátrica - Brasil	São Paulo (cidade não especificada)
9. Barichelo et al, 2010.	O uso de atividades lúdicas no processo de revelação do diagnóstico de crianças que vivem com HIV/AIDS.	Crianças Atendimento ambulatorial	BVS / Português Cad. Ter. Ocup. UFSCar – Brasil	Ribeirão Preto, São Paulo
10. Silva & Freitas, 2010.	Adolescentes em situação de vulnerabilidade: estratégias da TO em um trabalho de prevenção a AIDS.	Adolescentes Oficinas em uma Associação	BVS / Português Cad. Ter. Ocup. UFSCar – Brasil	Botucatu, São Paulo
11. Corrêa & Gomes, 2009.	Reflexões sobre a atividade de grupo na assistência terapêutica ocupacional hospitalar a portadores de vírus	Adultos hospitalizados	BVS / Português Rev. Paraense de Medicina - Brasil	Não especificado

	da imunodeficiência adquirida.			
12. Silva et al, 2009.	La representación social de los portadores de SIDA o tuberculosis: una experiencia del cuidar en la Terapia Ocupacional.	Adultos hospitalizados	Busca direta / Espanhol Rev. Chil. Ter. Ocup - Chile	Rio de Janeiro, RJ
13. Becerra & Sosa, 2003.	Perspectivas da Terapia Ocupacional frente o HIV/SIDA: Uma experiência de VIHDA.	Adultos de clínica ambulatorial	Busca direta / Espanhol Rev. Colombiana de Terapia Ocupacional - Colômbia	Colômbia (cidade não especificada)

A maioria dos artigos selecionados apresenta como público alvo adulto hospitalizado, seguido de adulto em assistência ambulatorial. Três artigos tem o público estudado de acordo com o gênero, sendo um apenas enfocando homens e outros as mulheres, em assistência ambulatorial ou trabalhadoras. Os demais são relativos a crianças em ambulatório e adolescentes em projeto comunitário.

Após a leitura dos artigos transcreveu-se o objetivo e registrou-se a síntese dos resultados e as conclusões dos mesmos, conforme apresentado no quadro 2. As publicações de pessoas vivendo com HIV/AIDS com quem a Terapia Ocupacional atua, tem como problemas mais referidos o estigma social, menor reconhecimento dos direitos e dignidade das pessoas soropositivas, dificuldades físicas, emocionais, baixa autoestima, diminuição da independência, depressão, ansiedade, dificuldade com a rede de apoio, de participação em atividades religiosas e de trabalho, limitações para retorno aos papéis ocupacionais e no desempenho das atividades de vida diária (AVD) e lazer. Na atuação os terapeutas ocupacionais priorizam reestabelecer as condições para o desempenho dos papéis ocupacionais e AVD, principalmente o autocuidado e papel de trabalhador. Buscam também facilitar o enfrentamento ao estigma, apoiar a reconstrução de vínculos interpessoais família-escola-comunidade, resgatar e conscientizar sobre a prevenção e direitos como cidadão e ainda trazer de volta o indivíduo para participar da dinâmica social.

Quadro 2. Publicações sintetizadas quanto ao objetivo, resultados descritos e conclusões da atuação da Terapia Ocupacional (TO). Recife, junho a agosto/2023.

Nº	Objetivo	Principais resultados	Conclusão
----	----------	-----------------------	-----------

1	<p>“Analisar como a literatura tem tratado as questões dos direitos de pessoas com HIV/AIDS e de que forma a terapia ocupacional tem contribuído com a temática” (Nascimento & Takeiti, 2018, p. 449)</p>	<p>Destacam os direitos a partir do estigma social, saúde como prioridade, políticas públicas, e o direito a partir da terapia ocupacional em garantia dos papéis ocupacionais por meio de uma ótica de tratamento de saúde com a intenção de trabalhar as ocupações para o retorno a seus papéis ocupacionais por meio do cuidado ao sujeito com HIV/AIDS.</p>	<p>A TO propõe a conscientização dos direitos essenciais e dos papéis ocupacionais para os indivíduos com HIV/AIDS.</p>
2	<p>“Descrever o desempenho ocupacional de pacientes que vivem com HIV/SIDA, em uma instituição prestadora de serviços de saúde em Bogotá-Colômbia” (Robayo et al, 2017, p. 87 – tradução livre)</p>	<p>Compara os papéis ocupacionais desempenhados no passado, presente e futuro. Destaca o enfrentamento de dificuldades sociais, físicas e emocionais, redução da independência, presença de dor, ansiedade, depressão, baixa autoestima, dificuldade da rede de apoio, dificuldade nas AVD, na participação em grupos religiosos. O terapeuta ocupacional atua para ajudar o indivíduo a confrontar as barreiras existentes, com programas de manejo e comportamentos adaptativos.</p>	<p>O HIV/AIDS leva a prejuízos ao indivíduo em seu ciclo vital, comprometendo sua condição de saúde, independência, não conseguir exercer suas funções produtivas, atividades rotineiras e de vida diária. A TO auxilia o retorno às ocupações, às rotinas normais ou de forma adaptada, para melhor desempenho ocupacional e qualidade de vida.</p>
3	<p>“Expor como o diagnóstico de HIV afeta as mulheres chilenas em seu papel de trabalhadoras, partir da própria perspectiva” (Leiva et al, 2015, p. 95 – tradução livre).</p>	<p>Grupo de mulheres que relatam suas rotinas e experiências com o diagnóstico de HIV. É referido o medo de revelar o diagnóstico para manter em atividade laboral. , devido ao preconceito, estigma no trabalho e opressão. A TO reconhece a vulnerabilidade dos direitos da mulher trabalhadora que sofre injustiça ocupacional a partir do diagnóstico HIV e usa estratégias para recuperar a autoestima, confiança, rotinas diárias, desempenho de atividades e para ressignificar essas mulheres diante do diagnóstico de HIV.</p>	<p>A TO propõe empoderar as mulheres com HIV em seus direitos, para que reestruturem hábitos e rotinas, realizem suas atividades significativas, desempenhem seu papel como trabalhadoras, livres do preconceito e estigma. A atuação visa diminuir a injustiça ocupacional e possibilitar a inclusão social.</p>
4	<p>“Compreender as configurações dos</p>	<p>Os papéis ocupacionais e funcionais de pessoas hospitalizadas com HIV</p>	<p>A infecção pelo HIV/AIDS e hospitalização pode gerar</p>

	<p>papéis ocupacionais de pessoas com AIDS, hospitalizadas em diferentes estágios de evolução da doença” (Gil & De Carlo, 2014, p. 181)</p>	<p>sofrem prejuízo em diferentes estágios do HIV até a AIDS. Os papéis ocupacionais destacados como os mais importantes foram o de trabalhador e estudante, seguido dos papéis de cuidadores, membros da família e amigo. Há dificuldade de manter o papel de trabalhador; de construção de dinâmica familiar e manutenção de relacionamentos afetivos, destacando o preconceito e receio de contagiar outras pessoas. A evolução da doença traz perda de capacidade física e das condições de saúde para participação.</p>	<p>limitações físicas, quebra de círculo social, vulnerabilidade física com piora da imunidade deixando os indivíduos debilitados. O estigma social leva a prejuízo no papel e desempenho ocupacional, restringindo o direito a uma vida digna. A intervenção da TO busca adaptar e desenvolver possibilidades para desempenho de seus papéis, com participação nas decisões e inserção social.</p>
5	<p>“Aferir a percepção da competência ocupacional e os comportamentos sexuais de risco dos consumidores de drogas, de acordo com o seu estado serológico em relação ao HIV. (Teixeira, 2014, p 82).</p>	<p>Três grupos de pessoas toxicodependentes, sendo um de dependentes sem DST; outro com DST, mas sem HIV; e outro com HIV. Quem tem HIV faz maior uso de substâncias psicoativas; tem maior dificuldade de inserção laboral; avaliam ter pior capacidade de desempenhar seus papéis ocupacionais, exceto o papel sexual. Por outro lado, o grupo com HIV tem melhor consciência do risco e usam preservativos mais que os outros grupos.</p>	<p>A TO pode atuar com pessoas toxicodependentes e com HIV, com intervenções e orientações sobre os comportamentos de risco e potencialização da capacidade e habilidades que influenciam na competência ocupacional e desempenho dos papéis ocupacionais.</p>
6	<p>“Descrever as queixas relativas ao desempenho ocupacional de adolescentes que vivem com o HIV” (Cunha & Gontijo, 2013, p. 58).</p>	<p>Na avaliação por meio do COPM com adolescentes com HIV detectou-se que a doença interfere e provoca impactos nas suas atividades de vida diária. As maiores queixas são em relação ao desempenho ocupacional do lazer e autocuidado, incluindo tomar os medicamentos. Outras ocupações prejudicadas são frequentar a escola, tarefas domésticas, socialização, dificuldade de adesão ao tratamento e às atividades sexuais. A TO intervém criando espaços para troca de experiências entre os adolescentes; na configuração do suporte social e favorecimento de adesão ao tratamento. Como também na intervenção com a escola e as</p>	<p>A TO atua com adolescentes com HIV em suas dificuldades nas relações sociais e planejamento futuros de vida. Mostra a importância fundamental da prevenção e do suporte a pessoas que convivem com o HIV para uma melhor qualidade de vida tanto para os adolescentes como quem convive com esses na comunidade.</p>

		famílias para identificar suas dificuldades e ajudar a lidar com o HIV em relação ao preconceito e a discriminação.	
7	“Ampliar as discussões sobre a apropriação dos recursos da Arte pela Terapia Ocupacional e compreender de que forma as atividades expressivas afetam o cotidiano do sujeito infectado pelo HIV” (Leite et al, 2013, p. 69)	Utiliza o grupo operativo em encontros com dinâmicas e atividades expressivas livres, dança, teatro, música e outras que eram apresentadas e significativas para as mulheres. No processo terapêutico essas compartilhavam suas experiências e dificuldades de aceitação, estigma, medo de revelar seu diagnóstico e discriminação que sofriam na convivência por causa do HIV, no entanto com aceitação familiar. A intervenção grupal pela TO explora a compreensão e capacidade de desenvolver um senso positivo sobre si, seu corpo e sexualidade, promovendo autoestima e novos significados e transformações na vida cotidiana.	A TO pode usar a arte como produtora de saúde, como meio de trabalhar as habilidades, valores, papéis e hábitos, como processo dinâmico, que une pessoas que estimulam ressignificar as experiências de outra perspectiva perante a convivência com o HIV.
8	“Descrever os ganhos funcionais nas áreas de autocuidado e mobilidade de uma criança com AIDS no processo de reabilitação” (Pereira et al, 2011, p. 97).	Uso do inventário de avaliação pediátrico de incapacidade (PEDI) com a criança para dimensionar o tratamento e orientação familiar nas áreas de autocuidado e mobilidade de uma criança com HIV. A TO estimulou e orientou para o domicílio estratégias para controle de esfíncteres; uso de adaptações; transferências; banho, vestuário, alimentação e mobilidade. Por meio de jogos, brincadeiras, passeios e simulação de situações reais, a TO trabalhou habilidades para a independência e menor necessidade de ajuda pelo cuidador.	O HIV/AIDS pode comprometer o sistema nervoso central de crianças, levando ao atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, perda de habilidades funcionais, autocuidado, mobilidade e linguagem. Os comprometimentos podem ser agravados pelo ambiente e tipo do apoio ofertado pelo cuidador. O acompanhamento pela equipe, o uso de recursos lúdicos favorece o ganho de habilidades para melhor desempenho ocupacional da criança.
9	“Descrever o uso das atividades lúdicas no processo de revelação do diagnóstico de crianças soropositivas para o	Para revelação diagnóstica da infecção pelo HIV com um grupo de crianças a terapeuta ocupacional usou atividades lúdicas com faz de conta, jogos, passeios, representação e outras, abordado temas como: família, hospital, corpo	No processo de fazer a criança compreender sua condição de saúde, a TO usa a ludicidade de modo eficiente para a criança e família; para lidar com o imaginário, o futuro e as

	HIV" (Barichelo et al, 2010, p. 115).	humano, saúde, doença, HIV/AIDS, diagnóstico, ciclo da vida e futuro. Houve presença dos pais e o cuidado da revelação diagnóstica ser no grupo ou individual conforme particularidades da criança.	medidas necessárias ao tratamento. Bem como favorece o entendimento e a proximidade da equipe multidisciplinar e a perda do medo e da vergonha sobre sua condição para seguir com uma melhor qualidade de vida.
10	"Relatar a experiência da intervenção com adolescentes no projeto 'Viva com Vida', pautado na prevenção de HIV/AIDS" (Silva & Freitas, 2010, p. 111)	Jovens que participavam das oficinas de atividades do grupo Viva a vida, destacam como principal ponto a vulnerabilidade e suas várias consequências. A intervenção da TO nas oficinas é pautada na vontade e desejo dos adolescentes de incorporar reconhecimento da integridade e dignidade, visando a reconstrução da perspectiva de vida e potencialidade de suas competências.	Além da vulnerabilidade social também foi trabalhado pela TO os aspectos como condições culturais, econômicas, políticas públicas, questões emocionais e éticas que influencia na vida de cada um em decorrência a vulnerabilidade e a partir disso trazendo o olhar com o cuidado para si e a mudança de comportamento.
11	"Refletir sobre a atividade de grupo como instrumento terapêutico na assistência a pacientes soropositivos hospitalizados" (Corrêa & Gomes, 2009, p. 1).	Reflexão sobre os benefícios das atividades e grupo de TO com pacientes HIV/AIDS hospitalizados. Além dos limites da hospitalização longa, as pessoas vivenciam as consequências do HIV com negação, ansiedade, depressão, angústia e insegurança quanto ao contágio e transmissão do vírus. Destacam a infecção pelo HIV/AIDS como uma doença biopsicossocial que provoca mudanças ocupacionais. A atuação da TO se volta a prevenir, tratar e reabilitar as condições para realização das AVD, lazer, trabalho e participação social. No grupo de TO se valoriza a relação interpessoal e troca de conhecimento e experiências, contato com a realidade, autocuidado e contextualização a fim de auxiliar na manutenção da rotina, ampliar a comunicação e compreensão da sua condição, favorecer o crescimento pessoal e autonomia.	A TO aborda o paciente com HIV na dimensão pessoal, biológica, social, cultural e contextual. O grupo é um espaço de acolhimento às dúvidas e medos e também de partilha e reflexão de viver com uma doença estigmatizante. As vivências e conhecimentos no grupo possibilitam interação, autonomia, compreensão da hospitalização e mudanças de vida, como lidar com expectativas e mudanças no padrão ocupacional e no cuidado a saúde.

12	<p>“Investigar as representações de saúde-doença para os pacientes com tuberculose e AIDS” (Silva et al, 2009, p. 4 – tradução livre).</p>	<p>Grupo de oficina de criatividade com pessoas em controle da tuberculose e HIV, no período de hospitalização no qual o processo dinâmico e espaço para autoexpressão favorece o relato dos participantes dos prejuízos que a doença causa, a visão da enfermidade, a compreensão do mundo e a vulnerabilidade social. A intervenção da TO utiliza a consciência e reflexão, relacionando à realidade de cada um e as possíveis mudanças na forma de pensar, no comportamento, e na rede de apoio para melhores condições sociais.</p>	<p>A sensibilidade que é cuidar de pessoas com HIV que tem suas atividades cotidianas, sonhos, vidas interrompidas pela doença. Mostra o impacto à saúde, os sonhos, projetos de vida, enfrentamento às barreiras sociais e estigmatização por ser portador de TB e/ou o AIDS. E como é essa volta à vida e suas atividades junto com a intervenção terapêutica ocupacional.</p>
13	<p>“Apresentar as implicações no desempenho ocupacional de pessoas que HIV/AIDS e um programa de terapia ocupacional para essas pessoas” (Becerra & Sosa, 2003, p. 29 – tradução livre).</p>	<p>A valorização do desempenho ocupacional, atividades significativas, independência, seguimento no uso de medicamentos e assistência médica. Destacam o ócio, atividade remunerada, medo da doença, dificuldade de conseguir emprego e habilidades laborais. Intervenção da TO oferece atenção direta e indireta. A atenção direta é acompanhamento terapêutico individual através da comunicação personalizada, relação terapêutica empática, identificar estratégias preventivas de fatores de risco no desempenho ocupacional. Atenção indireta é dirigida ao casal, rede familiar, amigos para desenvolver metas terapêuticas e potencializar o desempenho ocupacional.</p>	<p>O programa VIHDA permite o desenvolvimento de estratégias e intervenções do terapeuta ocupacional frente a pessoas com HIV/AIDS. O desempenho ocupacional e suas variadas dificuldades frente ao diagnóstico, permitindo oportunidades de estudo, experiências práticas e valores profissionais para atuar com esse público.</p>

4. DISCUSSÃO

Desde a descoberta do HIV/AIDS, na década de 80, que a busca por conhecimento da causa, controle e tratamento da doença foram intensos, com uma produção científica volumosa. A partir de 1996, registra-se de forma desigual entre e intra países, um desaceleramento da mortalidade e mudança do comportamento da epidemia, que mantém atualmente sua força entre os jovens de 15 a 24 anos. O rápido avanço científico e das

políticas de prevenção, a inserção de equipe multiprofissional para cuidados às pessoas com HIV/AIDS, e o Ministério da Saúde desenvolveu um programa brasileiro com diferentes medidas de prevenção e terapia antirretoviral mais acessível que foram efetivos, e transformaram a epidemia mortal do HIV em uma doença crônica. Com isso, a preocupação e produção em torno do HIV também passam por transformações, perdendo centralidade (Foresto et al, 2017; Granjeiro et al, 2023; Reis et al, 2007).

A Terapia Ocupacional se juntou à equipe multiprofissional para assistência a pessoas hospitalizadas vivendo com HIV/AIDS, porém não se localizou publicação numerosa nessa temática. Também Galheigo (2007) ao revisar a literatura brasileira no campo hospitalar, destaca a escassa produção da Terapia Ocupacional no tema HIV/AIDS diante da "experiência acumulada na área" (p. 118). A publicação mais antiga referida por Galheigo (2007) é o relato de implantação de um serviço e estágio em Terapia Ocupacional, com crianças com HIV/AIDS de zero a sete anos, em uma Unidade de Apoio Infantil no interior de São Paulo, que atendia especificamente a esse público (Artigiani, 1996 apud Galheigo, 2007). Destacamos que essa publicação não apareceu nas buscas do presente estudo e que a publicação mais antiga incluída foi de 2003, sem artigos nos últimos cinco anos com atuação da Terapia Ocupacional com pessoas com HIV/AIDS. Inferimos que isso pode ser pela menor visibilidade desse tema, com a cronificação do HIV/AIDS e também pela pandemia do COVID (em 2020) que estabeleceu uma corrida de investigação em torno da nova e desconhecida doença. Que apesar da constatação da importância da Terapia Ocupacional na assistência a essa clientela, a inclusão de terapeutas ocupacionais nas equipes ainda é incipiente no Brasil, o que também pode justificar a escassez de publicação relacionado ao tema.

Outro destaque desde que o vírus do HIV foi descoberto é em relação ao sexo e idade das pessoas infectadas. Nos artigos desse estudo a predominância (9/13) foi de adultos, o que é compatível com outros estudos que traçam perfil das pessoas que vivem com HIV/AIDS e os adultos e jovens são maioria. Nos anos 80 os casos eram entre adultos, principalmente homossexuais, depois entre as pessoas que realizavam transfusão de sangue e as que compartilhavam drogas injetáveis. Esse perfil, somado a alta mortalidade e desconhecimento, ajudou a criar um forte estigma à doença e aos doentes. Numa segunda etapa a infecção pelo HIV também alcançou mulheres, crianças via transmissão vertical da gestante ao bebê, idosos e além dos grandes centros urbanos, chegou a pequenas cidades e ao campo. Atualmente adolescentes e adultos jovens (até 24 anos) estão entre os mais acometidos (Aguiar, et al, 2022; Macedo Junior; Gomes, 2020).

Os estudos mostram que o HIV pode infectar independente do gênero e idade. A epidemia do HIV/AIDS é multifacetada e atinge de forma desigual parcelas mais vulneráveis da população (Granjeiro et al, 2023; Aguiar et al, 2022). Como visto nos artigos incluídos, as pessoas assistidas na Terapia Ocupacional eram homens, mulheres, adolescentes e crianças. Em nenhum desses, os idosos eram públicos dos estudos. A partir dos anos 2000 a infecção pelo HIV cresceu entre os idosos, no entanto, ainda se verifica uma limitação de estudos que abordem a sexualidade e as práticas preventivas das pessoas idosas. O envelhecimento ativo permite que as pessoas idosas amplie as possibilidades de viver, de experimentar redescobertas e aprendizados, incluindo com maior vivência a sexualidade entre os idosos reforçada pela chegada de medicamentos, tecnologias para o auxílio na prática sexual que trazem benefícios que contribui para o bem estar, autoestima e busca da relação íntima do indivíduo com o parceiro. Mas de modo que também apresentam riscos, os quais colaboram para maior exposição à infecção ao HIV/AIDS (Aguiar et al, 2020; Gatti & Pinto, 2019;Vieira, 2016).

Como o HIV deixa o indivíduo vulnerável a doenças secundárias, isso pode também trazer prejuízos a sua vida, especialmente na presença de lesões neurológicas pela ação da doença, o que leva as pessoas a interromperem sua rotina diária e suas competências e interação pessoal como apresentado por Gil & De Carlo (2014); Teixeira (2014); Pereira et al (2011) e Silva et al (2009). Nesse estudo, quadros neurológicos associados ao HIV foi referido entre as crianças (Pereira et al, 2011). Os autores enfatizam que essas sofrem com os prejuízos no sistema nervoso central, resultando em atraso no desenvolvimento neuropsicomotor com prejuízos às habilidades de linguagem, funcionais, autocuidado e mobilidade, interferindo assim no desempenho ocupacional e brincar, como principal papel da criança.

Os demais estudos dirigidos a crianças e adolescentes (Cunha & Gontijo, 2013; Barichelo et al, 2010; Silva & Freitas, 2010), destacam a interferência do HIV nas habilidades para o desempenho ocupacional, o desenvolvimento dos papéis importantes em cada fase, afetando a qualidade de vida de crianças e adolescentes, como também para adultos (AOTA, 2020; Gil & De Carlo, 2014; Leite et al, 2013).

Na atuação da Terapia Ocupacional junto a crianças, os recursos lúdicos no ambiente terapêutico são usados para simular a vivência de atividades de autocuidado, por exemplo, o banho de boneca representando a higiene pessoal, trabalhando a compreensão das etapas da tarefa e aplicação no contexto adequado (Pereira et al, 2011; Barichelo et al,

2010). Outros recursos abordados por esses autores são os jogos, atividades corporais, teatrais e criativas de faz de conta, passeios, música, competições entre outras, que são utilizados para estimular o desempenho autônomo, ganho de habilidades e a compreensão de assuntos complexos como a revelação diagnóstica e efeitos do tratamento. A família também é incluída no tratamento, sendo acolhida e orientada em suas dificuldades de lidar com o diagnóstico e tratamento para o HIV.

Para os adolescentes com HIV/AIDS o cotidiano detém vários desafios, como lidar com o esquema terapêutico complexo, consultas médicas frequentes, efeitos colaterais da medicação, internação, exames, descontinuidade de atividades rotineiras, limitações na vivência da sexualidade e o receio de revelar o diagnóstico para outras pessoas e sofrer discriminação. Além disso, pode acontecer a resistência a frequentar espaço como a escola por medo, as dificuldades de realizar as tarefas, de enfrentar complicações físicas e cognitivas e até mesmo a problemas na manutenção de vínculos devido ao estigma. Ser portador do HIV interfere diretamente no desempenho ocupacional do adolescente causando impactos negativos as suas atividades diárias e participação social (Cunha & Gontijo, 2013). Para as autoras a atuação da Terapia Ocupacional, inclui o adolescente, a família e espaços de inserção, possibilitando a identificação de dificuldades, o autoconhecimento, elevação da autoestima e preparação para o desempenho de suas atividades, incluindo a sexualidade segura.

Também no trabalho com adolescentes Silva & Freitas (2010), ressaltam a atuação da Terapia Ocupacional por meio de oficinas refletindo sobre questões da vulnerabilidade e estrutura social, acesso diferenciado aos serviços e bens da assistência, às oportunidades de transformações sociais. As oficinas se configuram como lugar de experimentação a partir da ação e reflexão, oportunidade de trocas, aprendizagem e expressão. Nessa se utilizam diversas técnicas como capoeira, música, violão e canto, pintura em tecido entre outras, com a intenção de propiciar o aumento de repertório e vivências para conscientização e transformação da sua condição de vida por meio de suas próprias experiências. Outros estudos que atendem a adolescentes, independente do diagnóstico, destacam a participação e protagonismo dos mesmos, como elementos que favorecem acolhimento, pertencimento e adesão às propostas, principalmente na educação e promoção de saúde sexual e reprodutiva (Gontijo et al, 2022; Jucá et al, 2021; Gontijo et al, 2019).

Diante do cenário de maior risco de contaminação, a literatura destaca que no atendimento a adolescentes e jovens, a educação em saúde é essencial e nesse sentido abordar a sexualidade e propiciar acesso à informação são necessidades e direitos que precisam ser priorizadas com esse público. A preparação dos profissionais de saúde para lidar com essa questão nem sempre é satisfatória e adolescência e sexualidade são abordadas na dimensão da saúde biológica, porém a adoção de práticas e recursos centrados nos adolescentes, com metodologias participativas e respeito a sua autonomia na tomada de decisão, são apontadas por autores como Kinalski et al, 2023; da Motta et al, 2020; Sehnem & Arboit, 2020.

Entre os terapeutas ocupacionais, estudo realizado por Monzeli e Lopes (2012) apontou, a época, uma escassez de publicações no tema. Os autores também problematizam que esses profissionais ao tratarem a sexualidade como uma atividade de vida diária reduzem a compreensão, abrangência e subjetividade da sexualidade na vida das pessoas. Outro estudo recente de Monzeli e colaboradores (2023) situa a partir da Terapia Ocupacional Social uma ampliação na abordagem a discussão de gênero e sexualidade e relata as experiências em um projeto de extensão, que entre outros temas inclui a sexualidade incorporando uma visão de gênero não binária. De acordo com Carmo e Guizardi (2017), citado por Souza & Araújo (2021) mostra a importância da intersetorialidade em experimentar a imprecisão teórica nas diversas áreas do conhecimento que manejam, configurando estratégia como processo em quaisquer área, seja saúde ou assistência social demonstrando os diferentes pensamentos ou abordagens. Assim, construindo a possibilidade de solução integrada dos problemas civis, considerando o resultado dos olhares a totalidade.

Como referido anteriormente, mesmo não direcionado a HIV, há uma produção de conhecimentos envolvendo adolescência, sexualidade, recursos e estratégias participativas construídos por terapeutas ocupacionais, como o Kit BricanTO que é uma tecnologia educacional certificada, no formato de jogos digitais e físicos, para ações de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes (NEPVIAS, 2019). Nesse kit estão incluídos jogos como o Previnix e Decidix centrados na autonomia de adolescentes (Gontijo et al, 2019; Monteiro et al, 2018).

Outro achado desse estudo foi a atuação de terapeutas ocupacionais com adultos com HIV/AIDS. A ocorrência da infecção em adultos leva acerca de 40% a 70% dessas com limitações funcionais, quebra de círculo social, vulnerabilidade física, que pode ser piorada

com a hospitalização que diminui a participação e perda de papéis ocupacionais (Malcher et al, 2023; Leite et al, 2013; Christo, 2010).

Os estudos selecionados apontam ansiedade entre os adultos, decorrente do diagnóstico e tratamento para HIV, por não conseguirem manter seus papéis como o de trabalhador, amigo, membro/chefe de família e que esses também sofrem com o medo de infectar as pessoas e pelo preconceito de que são vítimas. A Terapia Ocupacional atua com intervenções diretas, orientações e a potencialização da capacidade e habilidades que influenciam na competência e desempenho ocupacional das atividades significativas. Assim, com adultos com HIV/AIDS visa adaptar e desenvolver possibilidades para o desempenho de seus papéis ocupacionais, com participação nas decisões e inserção social (Robayo et al, 2017; Gil & De Carlo, 2014; Teixeira, 2014).

Para Corrêa & Gomes (2009), a atuação da Terapia Ocupacional com pessoas que vivem com HIV é voltada à prevenção, tratamento e reabilitação das condições para realização das atividades de vida diária, lazer, trabalho e participação social. As reflexões realizadas em atividades grupais valorizam a relação interpessoal, troca de conhecimento, experiências, contato com a realidade, autocuidado e contextualização a fim de ajudar na manutenção da rotina, ampliação da comunicação, compreensão da sua condição, favorecimento do crescimento pessoal e autonomia.

A infecção pelo HIV/AIDS é uma doença biopsicossocial que provoca mudanças ocupacionais, redução de constância no ambiente do trabalho, fragmentação das relações familiares e sociais influenciando de forma negativa na vida ocupacional do sujeito (ANTONIASSI et al, 2008). O HIV pode provocar situações de pauperização sócio-familiar, rupturas, fracassos na constituição de vínculos o que causa um vazio social e podem desencadear outras condições problemáticas como uso de drogas, desemprego, situação de rua, sofrimento psíquico (Silva et al, 2009; Silva & Freitas, 2003).

Para Nascimento & Takeiti (2018), a Terapia Ocupacional pode por meio do diálogo e troca de informações conscientizar as pessoas assistidas quanto aos seus direitos essenciais e suporte de políticas públicas para reduzir o estigma e reações das pessoas ao diagnóstico. O ambiente laboral quase sempre é hostil às pessoas com HIV/AIDS, especialmente às mulheres trabalhadoras. Diante disso a Terapia Ocupacional visa reduzir a injustiça ocupacional, possibilitando a inclusão social e estimulando as pessoas que convivem com HIV/AIDS apropriar-se em seus direitos, com o intuito de reestruturarem seus hábitos e

rotinas, realizando suas atividades significativas, sem deixar de desempenhar seu papel como trabalhadoras (Leiva et al, 2015).

Outro aspecto importante abordado no estudo de Leite et al (2013) é a intervenção grupal feita pela Terapia Ocupacional para compreensão e capacidade de desenvolver um senso positivo sobre si, autoestima, controle do próprio corpo e da sexualidade. A modificação na vida sexual é trabalhada na perspectiva do cuidado consigo e com os outros e não somente com restrições.

A Terapia Ocupacional vai contextualizar e favorecer, com informações, a superação de barreiras e reforço às redes de apoio durante o processo de adaptação. Em contrapartida Robayo et al (2017) mostram que o terapeuta ocupacional pode ajudar o indivíduo a confrontar as suas limitações sociais, físicas e emocionais, para facilitar o manejo e comportamentos adaptativos frente às mudanças ocupacionais para melhor qualidade de vida. Becerra & Sosa (2003), reforçam a valorização do desempenho ocupacional, através das atividades significativas, em variados contextos, para manutenção dos cuidados pessoais, higiene, seguimento no uso medicamentos e assistência médica.

A literatura pesquisada compreende que a intervenção da Terapia Ocupacional ocorre de forma direta pelo acompanhamento terapêutico, comunicação personalizada, empática e identificação de estratégias preventivas de fatores de risco ao desempenho ocupacional da pessoa com HIV/AIDS. Também a atenção pode ser indireta e dirigida à rede familiar, de amigos e comunitária. O convívio familiar, escolar e profissional podem ser atingidos, pelos sentidos culturais atrelados à doença, fazendo com que cada grupo interprete a situação de um modo singular.

Desse modo fica claro que a Terapia Ocupacional atua junto às pessoas com a doença, sejam crianças, adolescentes ou adultos e junto à rede de apoio e em diversos contextos, para potencializar o enfrentamento ao HIV/AIDS.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentam que o HIV/AIDS provoca dificuldades físicas, cognitivas, emocionais, neurológicas e psicossociais trazendo prejuízos ao desempenho ocupacional o

que torna possível a atuação do terapeuta ocupacional. As consequências do HIV/AIDS causam afastamento dos papéis ocupacionais interferindo na realização do autocuidado, lazer, convívio social, desempenho escolar ou laboral.

A Terapia Ocupacional explorando variadas estratégias e recursos como uso da arte, dança e outras atividades expressivas, em grupos, oficinas e atendimento de reabilitação das AVD em nível ambulatorial ou hospitalar, busca de acordo com a demanda e necessidades da clientela e do contexto, empoderar as pessoas com HIV/AIDS para o reconhecimento dos seus direitos, enfrentamento as discriminações e oferta de suporte para retorno a dinâmica social e participação nas atividades cotidianas, normalizadas ou adaptadas.

A atuação dos terapeutas ocupacionais também mostra a importância de seu olhar para o indivíduo durante o processo terapêutico, no qual é possível o crescimento pessoal, desenvolvimento de autonomia e independência ao lidar com questões da sua vivência com o HIV/AIDS. Esse profissional também apoia familiares, escola e comunidade no melhor convívio e respeito a essas pessoas. Para o profissional é importante em sua intervenção, reabilitar na ótica de melhorar a qualidade de vida não apenas para quem vive com o HIV/AIDS, mas de quem convive com essas pessoas. Assim, os profissionais de Terapia Ocupacional tem a possibilidade de melhor atuação com as pessoas que vivem com HIV/AIDS e mostra a importância do acesso a Terapia Ocupacional.

REFERÊNCIAS

Aguiar RB, Leal MCC, Marques APO, Torres KMS, Tavares MTDB. (2020). Idosos vivendo com HIV – comportamento e conhecimento sobre sexualidade: revisão integrativa. *Cien Saude Colet.* Feb;25(2):575-584. doi: 10.1590/1413-81232020252.12052018

Aguiar, TS.; Fonseca, MC.; Santos, MC dos.; Nicoletti, GP et al. (2022). Perfil epidemiológico do HIV/AIDS no Brasil com base nos dados do DataSUS no ano de 2021. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento.* Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/26402>.

Antunes, R. S.; Morais A. F. (2019). Correlação de alterações hematológicas em doenças parasitárias. *Rev. bras. anal. clin.* 51(3): 191-195, 20190930. *tab* Disponível em: <https://www.rbac.org.br/artigos/correlacao-de-alteracoes-hematologicas-em-doencas-parasitarias/>

AOTA, Associação Americana de Terapia Ocupacional. Enquadramento da Prática da Terapia Ocupacional: Domínio & Processo 4ª Edição. (Trad. GOMES, D.; TEXEIRA, L;

RIBEIRO, J) Versão Portuguesa Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process 4th Edition (AOTA - 2020). Politécnico de Leiria, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25766/671r-0c18>

Barrichello, M. T., Correia, F., Seryi, M. C., Negrine, B. V. D. M., & Negrine, S. F. B. D. M. (2010). O USO DE ATIVIDADES LÚDICAS NO PROCESSO DE REVELAÇÃO DO DIAGNÓSTICO DE CRIANÇAS QUE VIVEM COM HIV/AIDS. Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional, 14(2). Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/160>

Becerra Becerra, A. del P., & Moreno Sosa, M. (2003). Perspectivas de Terapia Ocupacional frente al VIH/SIDA: una experiencia de VIHDA. Revista Ocupación Humana, 10(1 y 2), 28–39. <https://doi.org/10.25214/25907816.660>

Bittencourt Fernandes da Silva, ngela M., Carvalho de Queiroz Mello, F., & Almeida de Figueiredo, N. M. (2009). La representación social de los portadores de sida o tuberculosis: una experiencia del cuidar en la terapia ocupacional. Revista Chilena De Terapia Ocupacional, (9), Pág. 133 – 147. <https://doi.org/10.5354/0719-5346.2009.89>

Brasil. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS Nº 217, de 1º de março de 2023. Brasília. Diário Oficial da União, Edição: 42, Seção: 1, p. 63, 2023. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2023/prt0217_02_03_2023.html

Brasil. Diretrizes para implementação da rede de cuidados em IST/HIV/AIDS: Manual de assistência. (2017). Disponível em: <https://www.saude.sp.gov.br>

Cerroni, M. P.; Carmo, E. H. (2015). Magnitude das doenças de notificação compulsória e avaliação dos indicadores de vigilância epidemiológica em municípios da linha de fronteira do Brasil, 2007 a 2009. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília .Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742015000400004&lng=pt&nrm=iso.

Corrêa, V. A. C.; Gomes, J. B. (2009). Reflexões sobre a atividade de grupo na assistência terapêutica ocupacional hospitalar a portadores de vírus da imunodeficiência adquirida. Rev. para. Med. 23(2). <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-589449>

Christo, Paulo Pereira. (2010). Alterações cognitivas na infecção pelo HIV e Aids. Revista da Associação Médica Brasileira [online]. (2), 242-247. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-42302010000200027>. Epub 13 Maio 2010.

Cordeiro, A. M. et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. (2007). Rev. Colégio Brasileiro de Cirurgiões [online], v. 34, n. 6, 2007, p. 428-431. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-69912007000600012>.

Cunha APG; Gontijo DT. (2013). Queixas relacionadas ao desempenho ocupacional de adolescentes que vivem com HIV: subsídios para ação da Terapia Ocupacional. *Rev Ter. Ocup Univ São Paulo*. Acesso em 9 jul, 2023.

da Motta, M. da G. C., Kinalski, D. D. F., Schneider, V., Antunes, B. S., Evangelista, G. T., & da Costa, V. M. (2020). Participação no cuidado em saúde: a voz da criança e do adolescente que vivem com HIV. *Revista Sustinere*, 8(2), 417–436. <https://doi.org/10.12957/sustinere.2020.48012>

Domingues, C. S. B. et al.. (2013). Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: vigilância epidemiológica. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1679-4974202100002.esp1>>. ISSN 2237-9622. <https://doi.org/10.1590/S1679-4974202100002.esp1>.

Fonseca, L. K. S.; Santos, J.V.O.; Araújo, L.F; et al. (2020). Análise da estigmatização no contexto do HIV/AIDS: Concepções de Pessoas que Vivem com HIV/AIDS. *Gerais, Rev. Interinst. Psicol.*, Belo Horizonte, v. 13, (2), 1-15. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202020000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 10 jul. 2023. <http://dx.doi.org/10.36298/gerais202013e14757>.

Foresto, Jaqueline Scaramuza et al. Adesão à terapêutica antirretroviral de pessoas vivendo com HIV/aids em um município do interior paulista. *Revista Gaúcha de Enfermagem [online]*. 2017, v. 38, n. 1 [Acessado 20 Fevereiro 2024], e63158. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.01.63158>>. Epub 20 Abr 2017. ISSN 1983-1447. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.01.63158>.

Galheigo, S. M. (2007). Domínios e temáticas no campo das práticas hospitalares em terapia ocupacional: uma revisão da literatura brasileira de 1990 a 2006. *Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo*, 18(3), 113-121. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v18i3p113-121>

Gatti, M. C, & Pinto, M. J. C. (2019). Velhice ativa: a vivência afetivo-sexual da pessoa idosa. *Vínculo*, 16(2), 133-159. <https://dx.doi.org/10.32467/issn.19982-1492v16n2p133-159>

Gil, N. A. N., De Carlo, M. M. R. (2014). Os papéis ocupacionais de pessoas hospitalizadas em decorrência da síndrome da imunodeficiência adquirida. *O mundo da saúde, São Paulo*, 38(2), 179-188. <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/387/329>

Grangeiro, A., Ferraz, D., Magno, L., Zucchi, E. M., Couto, M. T., & Dourado, I.. (2023). Epidemia de HIV, tecnologias de prevenção e as novas gerações: tendências e oportunidades para a resposta à epidemia. *Cadernos De Saúde Pública*, 39, e00144223. <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT144223>

Grant, M.J.; Booth, A. (2009) A Typology of Reviews: An Analysis of 14 Review Types and Associated Methodologies. *Health Information & Libraries Journal*, 26, 91-108. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x>

Gontijo, D. T., Souza, M. H. de B., Sousa, L. B. T. de, Silva, M. M. T. da, & Monteiro, R. J. S. (2022). A atuação da Terapia Ocupacional na promoção de saúde com adolescentes: um protocolo de revisão de escopo. *Research, Society and Development*, 11(17), e217111739090. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i17.39090>

Gontijo, D. T. et al. (2019). Validação do jogo digital PREVINIX para prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis na adolescência. *Revista de Saúde Digital e Tecnologias Educacionais*, v. 4, (2), 163–178.

Gomes, H. N.; Macena, R. H. M.; ARRUDA, G. M. M. S.; GOMES, A. K. C. B. (2019). Análise do atendimento nos serviços de saúde entre pessoas vivendo com HIV/AIDS. *J Health Biol Sci*, v. 7, p. 387-394, 2019. Disponível em: <https://periódicos.unichristus.edu.br>.

Hipotilo RL; Oliveira, DC; Costa, TL, et al. (2017). Qualidade de vida de pessoas convivendo com HIV/aids: relação temporal, sociodemográfica e perceptiva da saúde. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 25, 2874. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.1258.2874>.

Jucá, A.L., Gontijo, D. T, Vieira, S.G. (2021). Contribuições Freireanas para ações de Educação em saúde sexual e reprodutiva com adolescentes Interritórios- *Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, Brasil*, v.7, n.14.

Kinalski, D.D.F., Antunes, B. S., & Motta, M. da G. C. da .. (2023). Children and adolescents living with HIV: participatory health care proposal. *Revista Gaúcha De Enfermagem*, 44, e20220190. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2023.20220190.en>

Leite, A. S.C et al. (2013). Enveredando pelos caminhos da arte: a terapia ocupacional na produção de saúde de sujeitos infectados pelo HIV. *Rev. NUFEN, São Paulo*, v. 5, (1), 64-81. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912013000100008&lng=pt&nrm=iso.

Leiva M., N., Ortíz Z., J., Robles A., V., & Vidal H., L. (2015). Impacto que genera el diagnóstico de VIH en mujeres trabajadoras de la región de Antofagasta y Metropolitana. *Revista Chilena De Terapia Ocupacional*, 15(2). <https://doi.org/10.5354/0719-5346.2015.38163>

Macedo Júnior, A. M.; Gomes, J. T.. (2020). Estudo epidemiológico da AIDS no Brasil – BR, no período de 2015-2019, a sua história e políticas públicas criadas até os dias atuais. *João Pessoa, Temas em Saúde*. v. 20, (4), 256-283. Disponível em: <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2020/08/20413.pdf> DOI: 10.29327/213319.20.4-13.

Malcher, A.A.A.; Silva, V.L.G.; Gomes, N.S.V. (2023). Adaptação ocupacional de pessoas vivendo com HIV/aids em um hospital de referência: reflexões acerca da prática terapêutica ocupacional. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* 7(4), 2212-2218. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto53960

Mendes, K. D. S.; Silveira, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem* [online]. v. 17, (4), 758-764. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>>.

Monteiro R. J. S. et al. (2018). DECIDIX: encontro da pedagogia Paulo Freire com os serious games no campo da educação em saúde com adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23,(9), 2951-2962.

Monzeli, G. A.& Lopes R. E. (2012)./ Terapia ocupacional e sexualidade: uma revisão nos periódicos nacionais e internacionais da área. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 23, n. 3, p. 237-44, set./ dez.

Monzeli, G. A., Braga, I. F., Goes, J. da S., Silva, D. A., Marques, L. Z. M., Angelo, S. M. W., Monteiro Filho, L. D., & Batista, M. C. M. D.. (2023). Terapia ocupacional social, gêneros e sexualidades dissidentes: experiências a partir da extensão universitária. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 31, e3390. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoRE259533901>

Nascimento M. K. S.; Takeiti, B. A. (2018) Direitos da pessoa com HIV/AIDS e a Terapia Ocupacional. Rio de Janeiro, *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, v.2, (2), 449-467. Disponível em: < <https://revistas.ufrj.br>>.

Nepvias. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Vulnerabilidade e Saúde na Infância e Adolescência. (2019). Kit Brincanto: Jogos e Promoção de Saúde Sexual e Reprodutiva na Juventude. Banco de Tecnologias Sociais da Fundação Banco do Brasil. <https://transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/kit-brincanto-jogos-e-promocao-de-saude-sexual-e-reprodutiva-na-juventude>

Pereira AP, Silva DBR, Pfeifer LI, Panuncio-Pinto MP. (2011). Habilidades funcionais de criança com Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. *Acta Fisiátr*, 18(2):97-101. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/actafisiatrica/article/view/103627>

Reis, A.C., Santos, E. M. & Cruz, M. E. (2007). A mortalidade por aids no Brasil: um estudo exploratório de sua evolução temporal. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 16(3), 195-205. <https://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742007000300006>

Robayo, A. M., Narváez, M. R. T., Alvarez, E. D. H., Puche, A. G., Duarte, M. L. P., & Peña, M. A. Z. (2017). Características del desempeño ocupacional de un grupo de adultos que viven con VIH-SIDA/Características de desempenho do trabalho de um grupo de pessoas com HIV- AIDS. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 25(1), 85-93. <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0748>

Romeu, G. A. et al. (2012). Avaliação da adesão a terapia antirretroviral de pacientes portadores de HIV. Rev. Bras. Farm. Hosp. Serv. Saúde. São Paulo. v. 3. (1). 37-41. Disponível

em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url>.

Sehnm, GD & Arboit, J. (2020). Educação em saúde com o adolescente que vive com HIV/aids: diálogos sobre sexualidade. O Social em Questão, 23 (46), 233-256.

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552264323010>

Silva, B. F., Angela M., Carvalho de Queiroz Mello, F., & Almeida de Figueiredo, N. M. (2009). La representación social de los portadores de sida o tuberculosis: una experiencia del cuidar en la terapia ocupacional. Revista Chilena De Terapia Ocupacional, (9), Pág. 133 – 147. Disponível em: <https://doi.org/10.5354/0719-5346.2009.89>

Silva, C. R., & Freitas, H. I. (2010). ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE: ESTRATÉGIAS DE TERAPIA OCUPACIONAL EM UM TRABALHO DE PREVENÇÃO A AIDS. Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional, 11(2). Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/197>

Souza, H. P.; Oliveira, W.T.H.; Santos, J.P.T; et al. (2020). Doenças infecciosas e parasitárias no Brasil de 2010 a 2017: aspectos para vigilância em saúde. Revista Panamericana de Salud Pública [online]. 44, 10. Disponível em: <<https://doi.org/10.26633/RPSP.2020.10>>.

Teixeira, C. X. de M. (2014). Percepção da competência ocupacional e comportamentos sexuais de risco em toxicodependentes / Perception of occupational competence and sexual risk behaviors in drug addicts. Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional, 22(1SE). Disponível em: <https://doi.org/10.4322/cto.2014.032>

Vieira, K. F. L., Coutinho, M. P. L., Saraiva, E. R. A. A Sexualidade Na Velhice: Representações Sociais De Idosos Frequentadores de Um Grupo de Convivência. Psicologia: Ciência e Profissão [online]. 2016, v. 36, n. 1 [Acessado 21 Fevereiro 2024], pp. 196-209. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703002392013>>. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002392013>.